

# Metrópoles: Grande desafio para a pastoral da Igreja

**Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer**

Em recente livro publicado pelas Ed. Loyola, “As lógicas da cidade”, o conhecido teólogo Pe. João Batista Libânio descreve as maneiras pelas quais as grandes metrópoles se organizam e que representam, no seu entender, um desafio imenso, ao qual a pastoral da Igreja tem obrigação de enfrentar e responder.

Um primeiro desafio parece ser: levar a sério as “lógicas” da cidade moderna, diferentes das lógicas da organização de uma sociedade com tintas mais rurais e menos complexas. A Igreja Católica em todo o mundo, mas muito concretamente em nosso país, tem se identificado mais com esse modelo mais rural que imperou até agora. É urgente fazer uma mutação significativa na forma de relacionar-se com a realidade e com o espaço aonde está inserida.

Em suma, é urgente que a Igreja Católica no Brasil tome com seriedade o desafio de **reapropriar-se da cidade**. E isso significará aprender uma nova concepção do espaço e do tempo, próprio dos grandes conglomerados urbanos, que incide numa maneira diferente de lidar com o tempo dedicado ao trabalho e ao lazer e, conseqüentemente, com o tempo litúrgico e sua celebração.

Significa igualmente procurar entender de maneira mais acurada a identidade e a cabeça dos habitantes da cidade grande. Trata-se de pessoas que vivem em meio a um mundo de informações e solicitações que vão necessariamente modificar suas perguntas e as demandas que possam fazer a sua Igreja. São igualmente pessoas que vivem de forma cotidiana e habitual a liberdade e a autonomia e portanto resistem a qualquer sistema de normas heterônomo que queira interferir sobre suas escolhas e opções pessoais.

Significa ainda e finalmente, procurar entender, na formação e organização das comunidades, a diferença das motivações de aglutinação que regem a vida dos católicos urbanos. Não se trata mais de comunidades que se formam espontaneamente, por vizinhança geográfica, mas de indivíduos que buscam estar juntos por causa de suas afinidades eletivas, ainda que para isso devam superar os obstáculos e as distâncias espaço-temporais de maneira constante. São pessoas, portanto, que dão enorme valor à experiência pessoal e a um conjunto comunitário onde possam viver essa experiência. E procurarão a Igreja ou a instituição que souber proporcionar-lhes isto.

Uma pastoral urbana adequada à reapropriação das grandes metrópoles, tal como aqui se propõe, não pode instalar-se, pois, no espaço sagrado do templo ou da paróquia, esperando que ali acorram os fiéis, em busca dos serviços que a instituição possa oferecer-lhes. Mas, pelo contrário, deve ser uma organização muito mais flexível e aberta, ágil o bastante para ir ao encontro daqueles e daquelas que deseja atingir.

A Igreja que o cidadão urbano moderno espera e deseja não é a Igreja dogmática, que impõe rigidamente normas e condutas, mas aquela que dialoga e propõe, que vai ao

encontro das pessoas onde elas estejam e ali realiza os gestos e os mistérios da salvação. Uma Igreja que, mais que impor, *propõe* a mensagem do Evangelho como Boa Nova, atraente e sedutora, entusiasmante e gostosa de ser seguida e praticada.

Nesse sentido, a Igreja, para reapropriar-se da cidade, deve perder o medo dos meios que hoje são colocados à disposição para o anúncio da boa nova. Entre estes meios, a mídia, com todas as suas modalidades e todos os riscos que cada uma dessas modalidades encerra. Para ir até as pessoas, falar-lhes ao coração, mover-lhes os afetos, o púlpito ainda tem o seu lugar, mas não é o bastante. Na cidade eivada dos mais diversos e ensurdecedores ruídos, a Igreja é chamada a apropriar-se competently dos palanques, dos palcos, da TV, da imprensa, da internet, a fim de poder chegar mais perto das pessoas e transmitir a mensagem de salvação da qual é portadora. Pois, se não o fizer, outros o farão. E aliás, já o estão fazendo. Sem pretender ser mais uma franquía da fé, desprovida de escrúpulos e manipuladora, a Igreja Católica hoje nas grandes cidades é chamada a apresentar-se com sua identidade, sem concessões, exercendo o papel de orientadora e pedagoga lúcida e compassiva para com os homens e mulheres que correm ao longo do dia, esmagados pelo stress das metrópoles.

Tudo isso significará, seguramente, para a Igreja em sua pastoral urbana, ao mesmo tempo em que se reapropria da cidade, reapropriar-se da missão; redescobrir sua vocação missionária e peregrina, que não tem onde reclinar a cabeça e se faz judia com os judeus e grega com os gregos; que se faz tudo para todos para ganhar a todos os que formam a tessitura desta complexa trama metropolitana e cidadã dos nossos dias.